

OLHARES DO PARADIGMA INDICIÁRIO SOBRE A OBRA “CINCO SEMANAS EM BALÃO (1863)”, DE JÚLIO VERNE

**Elisângela Cabral Moço
Karliana Barbosa
Marcelo Eufrásio (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba**

1.O autor e a obra – aspectos literários e históricos

No século XIX surge em toda a Europa um sentimento de aventura e idealismo viajante que inunda o subconsciente da população influenciado pelas expansões imperialistas que revelaram aos olhos europeus um mundo completamente novo e estranho aos seus costumes. Este sentimento aventureiro se colidia com o cotidiano monótono e corrido do sistema capitalista, criando assim, no homem deste século um dualismo entre a vida real e a vida desejada. Às vezes este dualismo entre o espírito imperialista e econômico levava o homem europeu às raias da loucura, assim como observa Decca:

“A personalidade desse novo homem urbano sujeito às mais variadas formas de estímulos e desejos e ao mesmo tempo objeto de toda uma tecnologia disciplinar, que se estendia da casa à escola e da escola ao trabalho nos escritórios e nas fábricas, passou a ser preocupação, principalmente, de médicos e profissionais de uma nova área do conhecimento que se especializava no tratamento de problemas mentais, a psicologia (...) buscando descobrir a origem dos traumas e das neuroses individuais produzidas pela repressão dos desejos.” (DECCA, 2000, p.164)

Esse espírito aventureiro está refletido nas literaturas de ficção que se tornaram “febre” em toda Europa neste período, pois fornecia “as almas torturadas” do homem europeu uma forma de fuga para saciar sua sede aventureira. Inúmeros autores, antiimperialistas ou pro- imperialistas, ajudaram a fundamentar e saciar estes sonhos com fantásticas histórias. Um deles é indiscutivelmente Júlio

Verne, um dos mais lidos escritores do mundo e um dos criadores da literatura de ficção científica.

Júlio Verne era um típico inglês do período imperialista. Nasceu, em 1828, em Nantes, Bretanha. Durante jovem tentou fugir em um navio mercante para aventurar-se pelas colônias, mas foi impedido pelo seu pai que o ameaçando de deserdá-lo obrigou a se comportar, anos mais tarde se formou em advocacia, assumiu os negócios da família e se casou com uma viúva de posses. E foi entre quatro paredes de um escritório que Verne viu o seu desejo de se aventurar, como seu herói de infância Robson Crusoe, tornar-se cada vez mais distantes. Sua vida havia se tornado completamente oposto ao seu sonho, porém se não podia tornar-se um herói no real, poderia se tornar um aventureiro entre tinteiros e folhas, usou sua fantasia para fugir de seu cotidiano monótono, nascia aí um dos maiores autores de ficção de todos os tempos. Logo seus livros se tornariam expiração do imaginário infantil e “cano de escape” para adultos que, como ele, encarceraram-se entre quatro paredes, dos escritórios ou fabricas, mas que em seus interiores existiam aventureiros loucos para se “jogarem” ao desconhecido, ávidos por adrenalina e perigos, como todos os seus contemporâneos.

Como sempre, em seus romances Júlio Verne apresenta de modo patente três das suas principais características: o interesse pelas terras exóticas, a paixão pela ciência e a admiração pelas qualidades inerentes aos heróis nacionais. É partindo do princípio que nenhum ser humano tem um discurso próprio, mas uma combinação de diversos discursos expostos a ele durante toda sua vivencia, em suma, que toda a mentalidade é fruto de seu tempo, que faremos a análise do romance “Cinco Semanas em Balão (1863)” de Júlio Verne, procurando resquícios imperialistas.

“Cinco Semanas em Balão (1863)” foi o primeiro romance de sucesso de Júlio Verne que se inspirou em uma viagem à Escócia e a Escandinávia, uma de suas poucas viagens fora da Inglaterra. Assim como acontece habitualmente em suas obras, o livro em questão narra uma aventura do século XIX, mais exatamente em 1862, onde Dr. Ferguson, criador do balão de hidrogênio e já conhecido pelas suas grandes expedições, desta vez quer ir ainda mais além e

superar os demais estudiosos já conhecidos, pretendendo descobrir a nascente do Rio Nilo e conquistar a região central de África, na altura ainda uma incógnita nas cartas geográficas desse continente. Para isso conta com o apoio contrariado do seu grande amigo escocês Dick Kennedy e o apoio incondicional de seu criado Joe, que juntamente com ele embarcam de Zanzibar à bordo do Vitória, um balão de hidrogênio, e atravessa o continente africano seguindo a Linha do Equador até o Senegal.

A literatura tem se constituído como uma poderosa fonte para o trabalho do historiador, na construção de outras visões acerca do fato histórico. Uma vez que “Cinco Semanas em Balão” se insere no seio de importantes acontecimentos, ou melhor, nos fornece uma face do imperialismo, àquela que vê tal fato como a salvação dos países colonizados.

2. Olhares sobre os aspectos político-ideológicos do imperialismo inglês.

3. O paradigma indiciário sobre a obra. Sinais imperialistas?

A obra em questão foi escrita no século XIX, século do iluminismo, que introjeta na humanidade os valores de progresso a qualquer custo, o romance demonstra que é preciso adentrar os países desconhecidos, antes que outros o façam, apresentado em trechos como o seguinte:

Queres então, desgraçado Dick, queres tu, ó falso amigo! que esta glória beneficie um outro? Irei então desmentir o meu passado, recuar diante dos obstáculos inconsistentes? (VERNE, 1958, p.26)

Ao analisarmos a obra “Cinco Semanas em Balão” de Júlio Verne, podemos verificar o quanto a ideologia imperialista foi sendo construída através da literatura que se construiu no veículo de preservação/manutenção dos valores da sociedade inglesa.

A obra de Júlio Verne é um exemplo perfeito de como o imperialismo foi introjetado como sendo a “tabua de salvação” dos países e povos a conquistar e ser conquistados. Neste sentido, Said afirma:

A literatura foi um veículo importante de preservação da idéia imperial nos séculos XVIII e XIX, presumindo a submissão dos povos conquistados e relegando-os a um papel meramente secundário nas narrativas em que aparecem apenas para emoldurar e decorar feitos dos personagens centrais, sempre europeus e brancos. (Said,)

Sobre este ponto de vista, podemos interpretar esta viagem de três corajosos aventureiros a bordo de um balão que, não por acaso, é batizado pelo doutor de Rainha Vitória, símbolo máximo da Inglaterra neste período, como uma apologia às três visões sobre o imperialismo existentes na Europa neste momento: a visão pro-imperialista, antiimperialista e os apologistas do imperialismo. Desta forma, podemos notar nitidamente a personificação dessas visões nos personagens do Dr. Samuel Fergusson, Dick Kennedy e Joe, nos discursos a eles atribuídos ao longo do romance.

O personagem do doutor é mostrado por Júlio Verne como um típico inglês, sereno, inteligente e ávido por descobertas, acima de tudo um cientista, um homem que não era guiado pelas emoções, mas pela racionalidade. Já seu amigo, o escocês, Dick Kennedy é descrito como detentor de um temperamento “franco, decidido e obstinado”, (VERNE, 1958,p. 14) um hábil caçador que muitas vezes chega a agir como um selvagem pela sua sede caça e por suas resoluções pela força, mas mesmo assim havia “ enfim qualquer coisa de bom e sólido predisponha a favor daquele escocês” (VERNE, 1958, p.14) . Nesta passagem do romance podemos notar que os ingleses não viam com “bons olhos” o povo escocês por ainda manter uma posição tradicionalista tanto na econômica como em sua própria cultura, algo que a Inglaterra já havia rompido e tentava romper. Como se torna mais nítido neste outro trecho:

Dick falava do passado, Samuel preparava o futuro; um olhava para frente, outro para trás. Daí um temperamento irrequieto em Fergusson e uma perfeita placidez em Kennedy. (VERNE, 1958, p.15)

Indiscutivelmente um discurso da ideologia imperialista inserida pelo autor, e analisados por nós indiciariamente, no decorrer do romance. Como prova incontestável citamos o primeiro discurso de personagem do livro, que afirma:

A Inglaterra sempre marchou à frente das nações (porque como ter sido notado, as nações marcham universalmente à frente uma das outras,) [...]. (VERNE, 1958, p. 5)

Existia neste período na Europa a visão apologista por aqueles que admiravam a primazia do imperialismo inglês, buscando imitá-lo. Este tipo de pensamento é introjetado na figura de Joe, o fiel admirador das descobertas e perspicácia científica do Dr. Fergusson.

Os discursos cravados entre as visões acerca do imperialismo estão presentes, intensamente, nos primeiros capítulos de “Cinco Semanas em Balão”, e pode ser observado mais nitidamente no seguinte trecho:

Dada essa confiança que Joe depositava no doutor, não devemos admirar-nos das incessantes discussões que se travavam entre Kennedy e o digno servidor, conservadas as devidas distancias. Um punha dúvidas, o outro acreditava; um era a prudência esclarecida, o outro a cega confiança. O Doutor situava-se entre a dúvida e a crença, de modo a não se preocupar com uma ou outra coisa. (VERNE, 1958, p. 31)

A visão dos países antiimperialista tinha suas razões no medo das civilizações menos evoluídas, científica e tecnologicamente, de serem “engolidas” pelo centro de gravidade imperialista que a Inglaterra exercia neste período sobre as outras nações, tanto da Europa como no resto do mundo. Se isto acontecesse o que seria de sua sociedade como era conhecida? Já os países apologistas eram aqueles que estavam em fase de iniciação industrial e que viam na Inglaterra o seu futuro, em uma visão bem evolucionista que encontrava fundamento na Teoria da Evolução das Espécies de Darwin. Aliás, neste período, até os sonhos tinham bases científicas, era a Era do Racional.

Talvez seja por este motivo que as obras de Júlio Verne não apresentam envolvimento românticos, afinal o amor não é racional, ao invés disto ira

apresentar tabelas com cálculos físicos como no capítulo VII do romance, onde se apresenta cálculos precisos para a realização da viagem ou um discurso totalmente científico. Em todo o livro estão presentes sistemas de longitude e métricos.